

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jaíse do Nascimento Souza¹
Maria Aparecida Dias²

RESUMO

Com a suspensão das aulas presenciais em todo o país em virtude da COVID-19 muitas têm sido as dificuldades enfrentadas pelo sistema regular de ensino para manter, via plataformas digitais, os estudantes próximos à escola e em algum contexto de aprendizagem, sobressaindo-se ainda a necessidade de assegurar a inclusão das crianças com deficiência em todo esse decurso. Considerando o exposto, o presente artigo tem como principal objetivo levantar uma discussão acerca do processo de inclusão das crianças com deficiência nos trabalhos pedagógicos remotos que vem sendo desenvolvidos na Educação Infantil durante o período de pandemia, visto tratar-se de um assunto notadamente merecedor de atenção no atual contexto educacional. Nosso estudo foi desenvolvido por meio da pesquisa exploratória, qualitativa. Os resultados sugerem que, na prática, a Educação a Distância (EaD) apresenta inúmeras possibilidades e outras tantas limitações, o que nos leva a concluir que, mesmo no período de pandemia, a escola não deve abraçá-la como única opção, mas como uma dentre as mais variadas formas de educar.

Palavras-chave: Pandemia, COVID-19, Inclusão, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A vertiginosa propagação da COVID-19 por todo o mundo repercutiu de forma verdadeiramente impactante nas nossas vidas e, embora a crise na economia e na área da saúde tenham inicialmente se sobressaído, o ano de 2020 certamente ficará marcado não só por esses problemas, como também por outras tantas transformações ocorridas em todas as esferas da sociedade.

No âmbito educacional, especificamente, o perigo eminente de uma contaminação coletiva levou as instituições educativas a suspenderem as aulas presenciais e a se reorganizarem pedagogicamente para se manterem firmes no propósito de garantir o direito a toda população de ter acesso à educação (BRASIL, 1996).

A principal necessidade nesse contexto era encontrar uma maneira de manter contato com os alunos durante o período de isolamento social para que os mesmos não se sentissem tão distantes da escola, e é neste cenário de incertezas, alteamento e ebulição que a Educação

¹ Licenciada em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil, jaise.pb@gmail.com

² Orientadora: Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil, cidaufn@gmail.com

a Distância (EaD) desponta como alternativa a manutenção das atividades, sendo possível observar desde os primeiros meses deste ano, a crescente utilização pelos estabelecimentos de ensino de vários meios e tecnologias de informação e comunicação.

Isso significa que, de opção, geralmente para quem busca conciliar trabalho e estudo ou mora distante dos grandes centros de ensino, a EaD tornou-se a saída mais viável para amenizar, nas escolas, os efeitos da pandemia do novo coronavírus, isso desde as instituições de Educação Infantil até as de Ensino Superior.

Tal medida, mesmo não planejada com antecedência foi reconhecida e aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que, considerando as circunstâncias, autorizou a realização de atividades a distância em caráter substitutivo às aulas presenciais durante o período de isolamento social (MATUOKA, 2020), nos seguintes níveis e modalidades: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Profissional, de Jovens e Adultos e Especial, ficando vetada apenas a Educação Infantil.

Deste modo, com a opção das escolas pelo ensino a distância, encontrar-se virtualmente, seja por vídeo, apenas áudio ou ambos, passou a ser uma prática nas instituições educativas de todo o país, inclusive nas de Educação Infantil, que, embora sigam desobrigadas de oferecer o ensino remoto, vem procurando através de plataformas digitais, dar continuidade as formações dos professores e as atividades pedagógicas com as crianças na perspectiva de manterem vínculos e estudantes próximos à escola em algum contexto de aprendizagem.

Por outro lado, a ênfase dada ao ensino a distância nesse período de pandemia, deu visibilidade a uma série de desigualdades que permeiam a sociedade brasileira, tais como: a falta de computadores, celulares ou internet de qualidade, falta de material de apoio, precária formação dos professores para lidar com ferramentas digitais (DIAS, 2020) e a necessidade que se coloca de manter o atendimento as pessoas com deficiência assegurando a estas o direito a inclusão.

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020) essas são apenas algumas das dificuldades enfrentadas por muitos países ao redor do mundo nessa pandemia, evidenciando que investir unicamente na EaD nesse período pode acentuar as diferenças, especialmente para os mais marginalizados, causando um verdadeiro retrocesso na educação.

Portanto, o que se coloca, é que, com o isolamento social grande parte das escolas estão fazendo o possível para darem continuidade as suas atividades através de recursos digitais. Porém, atrelada as possibilidades estão também muitas limitações, sendo as pessoas com deficiência as que mais parecem sofrer as consequências de um inesperado desenvolvimento tecnológico, em virtude, principalmente, da falta de preparo das instituições para lidarem com as diferenças num tempo marcado pelas incertezas e contradições.

REFLETINDO SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em poucos meses, em virtude da pandemia do novo coronavírus, o mundo sofreu profundas transformações e vimos, de um dia para o outro, as nossas rotinas mudarem completamente. Obrigados a adotarmos o distanciamento social como medida preventiva, atividades como ir ao supermercado, utilizar o transporte público, deslocar-se até uma agência bancária ou ir até a academia para praticar exercícios físicos tornou-se algo totalmente imprudente, principalmente se isso implicasse desobedecer aos protocolos sanitários colocados pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Frente a uma crise sanitária sem precedentes com números alarmantes de contaminação e de morte, ficar em casa por tempo indeterminado e manter-se atento aos cuidados conosco e com o outro passou a ser uma necessidade geral, algo que forçou as pessoas do mundo inteiro a reverem suas posturas e a encontrarem formas de se adaptarem as novas demandas de um tempo carregado de incertezas e de medo frente a uma doença que segue sem cura.

É nesse contexto de mudanças de hábitos e premência que vimos crescer novos tipos de serviços envolvendo primordialmente o uso da tecnologia, o que a tornou uma ferramenta indispensável à vida em quarentena, algo que começou timidamente, visando suprir necessidades mais emergentes, mas que com os dias cresceu de uma maneira surpreendente.

Na área da Educação não fora diferente. Com as aulas suspensas desde o mês de março deste, grande parte das escolas e das universidades de todo o mundo recorreram ao uso das ferramentas digitais para não pararem de funcionar completamente, o que representou a entrada forte da Educação a Distância (EaD) no cenário educacional.

Obviamente que o ensino a distância não nos é novidade nem se apresenta como a única resposta nesse contexto de crise, onde as escolas também vivem um período de

inconsistências, incertezas e adaptações. Mas, a notoriedade que vem recebendo abriu uma janela para um universo de possibilidades antes inexploradas, levando muitos professores e estudantes a se reinventarem dentro do processo de ensino aprendizagem.

No que se refere especificamente a EaD, no Brasil, de acordo com o Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998) ela é definida como:

uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Já o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017 (BRASIL, 2017), que revoga o Decreto nº 2.494/98, define EaD como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Sob tais perspectivas, podemos considerar que o ensino a distância traz inúmeros benefícios ao processo de ensino aprendizagem podendo instigar o aluno a aprender de forma autônoma e participativa, desde que esse processo seja mediado por pessoas qualificadas e envolva a utilização planejada de distintos meios e recursos, como por exemplo, vídeos e animações.

No Brasil, um dos grandes atributos do ensino remoto é fazer-se complementar ao ensino presencial principalmente nas instituições de Ensino Superior que oferecem uma diversidade de cursos e capacitações que vão desde os de preparatórios até os de graduação e pós-graduação, uma opção, principalmente para quem busca conciliar trabalho e estudo ou mora distante dos grandes centros de ensino.

No entanto, com a pandemia do novo coronavírus e a suspensão das aulas presenciais, este cenário muda e o ensino a distância ganha força em todo o cenário educacional extrapolando a ideia de complemento para se fazer uma solução não só nas instituições de Ensino Superior, mas em todos os níveis e modalidades do país: Ensino Fundamental, Ensino

Médio, Educação Profissional, de Jovens e Adultos e Especial, ficando vetada apenas a Educação Infantil.

Isso significa que, pensando em minimizar os efeitos negativos da pandemia, as escolas passaram a enxergar a EaD não como uma opção, mas como aliada; a saída possível a suspensão das aulas, capaz de romper distâncias a partir da promoção de uma interação antes inexplorada.

Ainda sobre a Educação a Distância, Almeida (2003, p. 335) assevera:

A educação a distância em ambientes digitais e interativos de aprendizagem permite romper com as distâncias espaço-temporais e viabiliza a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas *a priori*. A EaD assim concebida torna-se um sistema aberto, "com mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares".

Nesse sentido, o ensino a distância integra diferentes tipos de tecnologias e abordagens permitindo ao aprendiz participar ativamente de seu processo de aprendizagem desde que esse se dê num solo rico de oportunidades e sob a orientação de profissionais especializados.

É nesse ponto do texto que chegamos ao que a literatura tem chamado de articulação inapropriada entre o EaD e o Ensino Presencial (UNESCO, 2020; DIAS, 2020), em virtude do observado número de estudantes nessa pandemia que não têm acesso as ferramentas digitais para desenvolverem suas atividades, assim como a falta de preparo de muitos professores e corpo técnico administrativo das escolas para utilizar tais ferramentas com destreza.

De acordo com a UNESCO (2020) faltam computadores, celulares, internet de qualidade, habilidade dos professores para orientarem seus alunos, desenvolverem atividades e até se encontrarem nesse cenário de súbitas mudanças que vem transformando as linguagens utilizadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos estudantes.

Na Educação Infantil, a realidade não se faz tão diferente e em meio a discussões sobre a relevância ou a necessidade de praticar o ensino remoto com essa etapa da Educação Básica (DIAS, 2020) acrescenta-se ainda a urgência de se repensar na forma como manter e fazer crescer o vínculo com as crianças, em especial aquelas com deficiência.

Obviamente que estabelecer ou preservar vínculos é uma preocupação que se coloca a todos níveis e modalidades de ensino. No entanto, na Educação Infantil, essa ideia ganha maior notoriedade por estar diretamente associada a questão da interação entre as crianças

(BRASIL, 2018), pois é interagindo com seus pares que as mesmas se apropriam do conhecimento. Deste modo, pensar na manutenção ou crescimento de vínculos entre as crianças da Educação Infantil no contexto da pandemia tem um significado mais profundo e intrinsecamente ligado ao que se espera dessa etapa de ensino.

Sobre isso, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) considera que a prática da Educação Infantil deve se organizar de modo que as crianças estabelecem vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social.

De acordo com a LDB (BRASIL, 1996) a Educação Infantil engloba toda forma de educação que as crianças receberão entre de 0 a 5 de idade na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que vive, fazendo-se a escola importante por apresentar-se como espaço institucional prioritariamente voltado para o trato das várias dimensões do desenvolvimento infantil de forma intencional, sistemática e ativa.

Deste modo, o convívio com as diferenças na infância no espaço da Educação Infantil faz-se imprescindível para o desenvolvimento integral da criança (BRASIL, 2017) que, no processo de interação com seus pares, encontra elementos para se desenvolver sempre mais e continuamente.

Sob esta perspectiva, entendemos que, ao depositar todos os esforços apenas nos recursos tecnológicos sem que haja um espaço para as atividades vivenciais, mesmo que essas tenham sido sugeridas remotamente, as instituições de Educação Infantil podem favorecer o esgotamento de seus profissionais e alunos por partir de uma dinâmica de ensino despregada de sentido capaz de acentuar as diferenças e fazer com que muitos se sintam ainda mais distantes da escola nesse período de isolamento social.

Sobre o convívio com as diferenças na infância no espaço da Educação Infantil, Finco (2011, p.62) diz:

Ao olhar para as questões relativas às diferenças, podemos afirmar que a socialização da criança pequena se amplia com o convívio na Educação Infantil. Assim, a entrada das crianças pequenas na Educação Infantil pode significar um importante passo no processo de socialização delas, pode significar um espaço de convívio com outras crianças e adultos, em espaço para viver a infância. No convívio social, as crianças pequenas constroem suas identidades, aprendem desde pequenas os significados de serem meninos ou meninas, negras e brancas e experimentam nas relações do cotidiano da creche e da pré-escola a condição social de ser criança.

Portanto, suprir as demandas de ensino e aprendizagem das crianças público alvo da Educação Infantil nesse contexto de pandemia e via ensino remoto exige um processo de desconstrução da ideia de escola como espaço físico para a construção de escola como espaço de descobertas, curiosidade, brincadeiras e amigos, onde as famílias devem ser ouvidas em suas possibilidades e limitações, a fim de haja qualidade nas interações que estão acontecendo via EaD independente da forma como chegam até as crianças.

No que se refere especificamente as crianças com deficiência que estão nas classes de Educação Infantil, que habitualmente já enfrentam os dilemas da inclusão e nessa pandemia também se encontram em isolamento social, a discussão sobre o ensino remoto ganha mais elementos, e lança luz sobre a falta de artifícios da escola para lidar com a diversidade de seu alunado.

Aqui cabe uma reflexão sobre o processo de inclusão escolar, que segundo Silva (2012, p. 233) diz respeito a:

A uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aula comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta de educação inclusiva, todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se a um ensino regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos do comportamento, de preferência sem defasagem de idade em relação à série. A escola, portanto, deverá adaptar-se às necessidades individuais desses alunos, requerendo mudanças significativas na estrutura e no funcionamento das instituições de ensino, nas formações dos professores e nas relações família-escola.

A esse despeito compreendemos que só transpor as aulas normais não vai garantir a aprendizagem das crianças sejam elas com ou sem deficiência. Além da necessidade de encontrarem soluções para o cumprimento do ano letivo, as escolas precisam somar esforços para que o ensino a distância se torne um canal de interação, onde as crianças se sintam motivadas a ultrapassarem os desafios por trás das telas, inclusive a falta de recursos, estímulo e materiais pedagógicos.

Para Dias (2020, p.546)

A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução. Esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem

todos possuem o equipamento necessário. Se a meta for investir apenas em ferramentas digitais, certamente, contribuiremos para uma piora na aprendizagem dos alunos a curto e a médio prazos.

Obviamente que muito daquilo que acreditamos sobre a educação, principalmente no âmbito do ensino infantil se perde na ausência de um contato face a face. Mas o ensino remoto é hoje uma realidade; é a nossa realidade, que enquanto professores de Educação Infantil temos nos encontrado semanalmente com as crianças via plataformas digitais, sugerindo atividades, fazendo registros das práticas desenvolvidas, conversando com as famílias, participando de encontros virtuais com os demais membros do corpo docente e/ou de capacitações online e outras tantas atividades.

Desta forma, devemos acreditar que, apesar da pandemia, a manutenção dos vínculos escola, família e criança através de práticas intencionais e sistemáticas são posturas possíveis, e que, nesse contexto, olhar para as possibilidades de cada rede pode melhorar a implementação da Educação a Distância representando um passo importante para todas as crianças, principalmente as que se encontram em situação de vulnerabilidade, a exemplo de muitas crianças com deficiência.

Destarte, observamos que, no contexto da pandemia, a escola vem se reinventado, buscando maneiras, via ensino remoto, de acompanhar os alunos para que esses não percam vínculos e deem continuidade as suas atividades. Nessa perspectiva, abrir-se a discussão sobre a questão da inclusão é algo emergente e pode trazer benefícios não só para as pessoas com deficiência como para todas aquelas que de forma inesperada estão a experimentar o ensino remoto, visto tratar-se de uma medida educativa que oferece a todos, indistintamente, a oportunidade de se tornarem mais autônomos indo além de uma seleção de possíveis conteúdos.

As escolas que promovem a inclusão de maneira efetiva sabem lidar com a diversidade, e mesmo a distância reconhecem a importância da mesma e de sua valorização para o convívio em sociedade.

METODOLOGIA

Nosso estudo foi desenvolvido por meio da pesquisa exploratória, qualitativa. De acordo com Chizzotti (2005, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]. O objeto não é dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Implica dizer que, a abordagem qualitativa permite ao pesquisador interpretar significados que as pessoas atribuem a fatos e fenômenos, considerando ainda as relações entre os sujeitos envolvidos no estudo durante todo o processo de investigação sem que para isso precise mensurá-las.

Com base no objetivo deste estudo podemos caracteriza-lo ainda como sendo de natureza exploratória, por buscar o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2010, p.42) no desenvolvimento de uma investigação. Nossa intenção foi debruçarmos sobre um assunto atual, inquietante, a fim de aprimorarmos algumas ideias e levantarmos questões que poderão contribuir com estudos futuros acerca da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse período de pandemia a Educação a Distância (EaD) tem se constituído como uma necessidade para que as escolas deem conta da carga horária exigida e mantenham os estudantes continuamente assistidos sem se sentirem prejudicados no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem.

A proposta, no entanto, trouxe transtornos tanto para os discentes quanto para os docentes que desprovidos de equipamentos e assistência necessários, e formação específica se viram obrigados a aceitar o desafio de aprender na prática como lidar com as ferramentas digitais disponíveis.

Segundo Dias (2020) trata-se de um problema a ser observado desde as instituições de Educação Infantil, onde o ensino remoto, mesmo sendo desobrigado segue acontecendo em praticamente todo o país, arrastando-se até os estabelecimentos de ensino superior, onde as dificuldades dos professores no trato com as ferramentas digitais e a falta de uma estrutura acessível a todos os alunos se repetem.

Nesse contexto, destaca-se a pessoa com deficiência, especificamente a criança que frequenta a Educação Infantil, e que, devido ao isolamento social, também se encontra reclusa

em casa, muitas sem acompanhamento algum e sem a possibilidade de estar desenvolvendo atividades remotas, em grande parte por falta de recursos ou de formação do professor que não fora preparado para dar conta da dinâmica da inclusão nem mesmo dentro dos muros da escola.

Desse modo, os resultados de nossas leituras, como também a nossa experiência enquanto professoras de Educação Infantil imersas no contexto da pandemia e do ensino remoto sugerem que, na prática, a EaD apresenta inúmeras possibilidades e outras tantas limitações, constituindo-se de extrema importância que haja um envolvimento participativo e permanente de todos os envolvidos no processo educacional no qual está a escola, e do qual não se pode excluir a família e toda a sociedade.

Assim sendo, o respeito e a valorização das diferenças nesse contexto há de ser, pois, um esforço conjunto, onde para obter êxito, escola e professores não podem improvisar, nem se preocupar apenas com a realização de atividades prontas e determinadas num fazer reduzido a raciocínios.

As práticas, mesmo dentro das limitações impostas pelo ensino a distância devem ser pensadas com o objetivo de educar para as diferenças em todos os níveis da Educação Básica, inclusive na Educação Infantil, espaço onde as crianças pequenas, também tem vivenciado experiências que contribuem para a formação de sua identidade.

Portanto, o trabalho pedagógico com foco no respeito as diferenças, na construção positiva de identidades e valorização da diversidade nesse período de pandemia requer uma atuação continua da prática pedagógica, no aperfeiçoamento de recursos e na sensibilização das crianças, que mesmo distantes fisicamente, se mostram cheias de si mesma. Isso tudo numa parceria com as famílias que no momento atual representam a base e o apoio da escola no trabalho remoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, nos últimos anos a Educação a Distância representou um importante ganho para a sociedade brasileira, principalmente no que se refere ao processo de flexibilização, pois muitas pessoas antes impossibilitadas de estudarem em virtude do trabalho ou da falta de instituições educativas em sua cidade encontraram, nessa modalidade, a oportunidade de darem prosseguimento aos seus estudos.

O ensino a distância também ofereceu a sociedade hodierna, a oportunidade de estar vivenciando nessa pandemia experiências remotas mais profundas e quase que diárias que se

mostraram em grande parte eficazes ao desenrolar do processo de ensino aprendizagem desde as salas de Educação Infantil até o Ensino Superior.

No entanto, a adoção do ensino remoto também expôs as desigualdades e precariedades a que estão submetidas boa parte da população do Brasil ficando ainda mais evidente o problema que as escolas enfrentam para efetivar a dinâmica da inclusão das pessoas com deficiência.

Nesse contexto, consideramos que, na Educação Infantil, lócus de nossa investigação, a falta de preparo dos professores como também a falta de recursos e de apoio as famílias das crianças com deficiência, pode estar contribuindo com desvalorização da diversidade e acentuação do preconceito, visto que, a pura utilização de ferramentas digitais não assegura a participação destes.

Neste cenário, valorizar as potencialidades e não as limitações do indivíduo mostra-se necessário mesmo se tratando de um processo longo, cansativo, de grande amplitude, que exige o envolvimento de toda a escola e mudanças significativas na prática docente.

Assim, concluímos considerando que, mesmo em tempo de pandemia onde as tecnologias se apresentam com a opção ao enfrentamento do distanciamento social, a escola deve procurar desenvolver um trabalho pedagógico mais engajado e com foco na valorização da diversidade e construção positiva de identidades, pois isso pode ajudar o educando de todas as idades a reorganizar suas percepções sobre si e sobre o mundo favorecendo o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem.** Educ. Pesqui. vol.29, no.2, São Paulo, July/Dec., 2003. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200010&script=sci_arttext&tlng=pt > Acesso em: 10 de nov. de 2020.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> > Acesso em: 20 de out. de 2020.

_____, Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei nº 9.394/96). Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf> > Acesso em: 10 de nov. de 2020.

_____, Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o [art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24 > Acesso em: 09 de nov. de 2020.

_____, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm > Acesso em: 28 de out. de 2020.

_____, Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2020. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192 > Acesso em: 28 de out. de 2020.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular para a Educação Infantil.** Vol 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2005.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **A Educação e a Covid-19.** Ensaio: aval.pol.públ.Educ. vol.28, no.108, Rio de Janeiro, Jul./Sept. 2020. Epub, July, 06, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545#B6 > Acesso em: 28 de out. de 2020.

FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela (Orgs). **Sociologia da infância no Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 2011. p.55-88

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: atlas, 2010.

MATUOKA, Ingrid. **A educação a distância pode ampliar desigualdades durante a pandemia.** Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/educacao-distancia-pode-ampliar-desigualdades-durante-pandemia/> > Acesso em 30 de out. de 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro/RN: Objetiva, 2012.

PERAYA, D. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, S. **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. A. Educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: MORAES, M. C. **Educação a distância: fundamentos e práticas.** Campinas: Unicamp/NIED, 2002.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19.** Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: < <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das> > Acesso em: 31 de out. de 2020.